
Lutzenberger e a materialização da ética ecológica: o Parque Estadual da Guarita (Torres-RS, 1972-1979)

Lutzenberger and the materialization of ecological ethics: the Guarita State Park (Torres-RS, 1972-1979)

*Elenita Malta Pereira**

Resumo: Neste artigo, aborda-se um episódio importante na trajetória do engenheiro agrônomo e ambientalista brasileiro José Lutzenberger: seu trabalho paisagístico no Parque Estadual da Guarita, em Torres-RS, entre 1972 e 1979. A partir da análise de documentação inédita de seu acervo pessoal (Arquivo Privado de José Lutzenberger (APJL)), argumenta-se que nesse tipo de atividade, ele colocava em prática princípios de uma nova ética humana em relação à natureza. Em seu trabalho como paisagista, concebia o parque sob um ponto de vista holístico: a guarita era um organismo vivo, em evolução, em que os elementos naturais preexistentes deveriam ser respeitados. Dessa forma, todo o trabalho por ele realizado no parque representava a materialização da ética elaborada e divulgada durante os 31 anos de sua militância ecológica.

Palavras-chave: Parque Estadual da Guarita. Parque Estadual José Lutzenberger. História ambiental. Biografia.

Abstract: In the present article I approach an important episode in the trajectory of Brazilian agronomist and environmentalist José Lutzenberger: his landscaping work at Parque Estadual da Guarita (Guarita State Park), in Torres-RS, between 1972-1979. Through the analysis of unprecedented documents from his personal archive (Arquivo Privado de José Lutzenberger (APJL)), I argue that, in this type of activity, Lutzenberger put in practice his principles for a new human ethics in relation to nature. In his landscaping work, Lutzenberger conceived the park under a holistic point of view: Guarita Park was a living organism, in evolution, in which the preexisting natural elements should be respected. Thus, the work Lutzenberger conducted in the park represented the materialization of an ethics elaborated and promoted during the 31 years of his ecological activism.

Keywords: Guarita State Park. José Lutzenberger State Park. Environmental history. Biography.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de História na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava – PR. *E-mail:* elenitamalta@gmail.com

Introdução

A construção do Parque Estadual da Guarita,² na cidade de Torres-RS, favoreceu a convivência intensa do engenheiro agrônomo e ambientalista José Lutzenberger (1926-2002) com uma das mais importantes formações naturais do Rio Grande do Sul: as belas falésias basálticas localizadas no município, formadas há cerca de 190 milhões de anos. O nome da cidade advém delas: a Torre ou Morro do Farol, a Torre Sul, a Torre do Meio (ou Morro das Furnas) e a Torre da Guarita – a primeira fica próxima da zona urbana, e as três últimas, dentro do parque.

Mais tarde, conhecido no estado por sua atuação como um dos protagonistas da luta contra o uso de agrotóxicos na lavoura e, nos âmbitos nacional e internacional, pela defesa da floresta Amazônica,³ em 1971, Lutzenberger dava início a uma nova fase em sua trajetória. Após trabalhar durante 13 anos para a multinacional agroquímica BASF (1957-1970), morando na Alemanha, na Venezuela e em Marrocos como executivo da companhia, ele decide voltar para a cidade natal, Porto Alegre. No final dos anos 1960, a BASF entrara no ramo de agrotóxicos; seus funcionários teriam que oferecer esses produtos aos agricultores, e isso provocou uma crise de consciência em nosso personagem.

Ao encontrar um grupo preocupado com a problemática ambiental em Porto Alegre,⁴ Lutzenberger decidiu engajar-se na fundação de uma entidade ecológica na cidade: a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), em abril de 1971. Tornou-se ambientalista e foi eleito seu primeiro presidente, posição que ocupou até 1983.

Entre as principais reivindicações da Agapan ganhou destaque o empenho “por uma nova moral ecológica”, presente em seu *Plano de Luta* (CORREIO DO POVO, 25/06/1971) integrando o APJL. No texto elaborado por Lutzenberger e lido por ele no evento de criação da Agapan, podemos perceber a importância dessa demanda já no título: *Por uma ética ecológica*, publicado como artigo no jornal *Correio do Povo* (29/8/1971) constante do APJL.

A luta para que a humanidade adotasse uma postura ética ecocêntrica em relação à natureza foi, na verdade, a principal da trajetória ambientalista de Lutzenberger, como pude verificar durante a escrita de minha Tese de Doutorado, uma biografia desse personagem, sob a perspectiva da história ambiental. Naquele trabalho, realizei uma sistematização dos princípios dessa ética, que chamei de “ética do convívio sustentável”. (PEREIRA, 2016). A elaboração e a divulgação dessa ética

estiveram presentes em grande parte de seus textos, bem como em palestras e entrevistas que concedeu ao longo de 31 anos de militância (1971-2002).

A articulação entre os referenciais teórico-metodológicos da biografia e da história ambiental tem permitido, em meus estudos, vislumbrar ideias, práticas, percepções, representações e éticas humanas em relação aos elementos naturais, correntes no Rio Grande do Sul e no Brasil, no século XX. (PEREIRA, 2013, 2016). A história ambiental estuda a interferência humana na natureza e vice-versa (DRUMMOND, 1991) e, de certa forma, “une” o que os cientistas costumam separar: sociedades e ecossistemas. (WORSTER, 1991). O caráter interdisciplinar da história ambiental e da biografia permite que, por meio do estudo de uma vida, um contexto mais amplo de discussões sobre proteção da natureza seja descortinado. Segundo Worster (2011a), a história ambiental pode e deve trabalhar com diferentes escalas, entre elas a escala micro da biografia. Com isso, amplia-se a compreensão tanto sobre a trajetória de sujeitos que se destacaram na crítica e luta ambiental, como sobre ideias, éticas e representações sobre a natureza que permearam o contexto dos personagens envolvidos.

Neste artigo, abordo um episódio importante na trajetória de Lutzenberger: seu trabalho paisagístico no Parque Estadual da Guarita (nome de uma das torres de basalto, que fica à beira da praia de mesmo nome), na cidade de Torres-RS, entre 1972 e 1979. Ele ficou encarregado da obra após o governo do estado ter desistido do projeto inicial, do famoso paisagista Burle Marx, considerado muito oneroso. Lutzenberger, que já havia realizado um levantamento biológico e geológico do local, ofereceu-se para a empreitada. Propôs algo diferente de Burle Marx, a partir de sua concepção ético-ecológica: para ele, a paisagem do parque deveria dialogar com os elementos naturais ali presentes. Percebo, por meio da documentação presente em seu arquivo privado (APJL), que ele considerava esse tipo de trabalho uma forma de materialização da ética ecológica.⁵ Após seu falecimento, o parque teve seu nome alterado para “Parque Estadual José Lutzenberger”, por meio da Lei 11.884/2003, tornando-se, dessa forma, um local de memória dedicado a homenageá-lo.

Por uma ética ecológica ecocêntrica

A ética defendida por Lutzenberger era ecológica, pois estava embasada em conceitos da ciência Ecologia, e ecocêntrica, por considerar a relação humanos-natureza dentro de um todo maior, levando em conta a interdependência entre os seres.

Costuma-se dividir a ética em relação ao meio ambiente em duas grandes correntes: as éticas antropocêntricas e as biocêntricas. Cada uma delas engloba uma série de tendências, de acordo com o ponto de partida das reflexões: o homem ou a natureza.

Nas éticas antropocêntricas, os humanos são a medida de todo o valor (NASH, 1989, p. 10); elas partem do “ser humano em sua moralidade. Defendem que não existe ética sem antropocentrismo, pois somente o ser humano pode agir moralmente e tomar decisões”. (JUNGES, 2010, p. 14). Por outro lado, as perspectivas biocêntricas se alicerçam nos deveres diante da natureza. Para o biocentrismo, a natureza é titular de direitos. (JUNGES, 2010, p. 23). Ela possui valor intrínseco e, conseqüentemente, possui o direito de existir. (NASH, 1989, p. 9).

Existem diversas éticas biocêntricas, que concedem diferentes graus de “direitos” à natureza. Alguns modelos são mais restritivos (biocentrismo mitigado), outros mais abrangentes – *ecocentrismo*: “trata-se de um biocentrismo mais radical, que parte dos conhecimentos científicos da ecologia, do reconhecimento da natureza como um conjunto interdependente e do lugar do ser humano nesse conjunto, para chegar a normas em relação ao meio ambiente”. (JUNGES, 2010, p. 26).

Embora Lutzenberger nunca tenha dado asas a uma discussão teórica sobre ética em seus trabalhos, foi possível perceber que ele se embasava em autores como Aldo Leopold, Rachel Carson, Hans Jonas, Albert Schweitzer, Ivan Illich, Frijof Capra e em defensores da *deep ecology*.⁶ A ética por ele defendida transcendia o plano teórico, pois estava intimamente ligada às temáticas de sua militância – era uma ética construída na prática, no plano das lutas em que se envolveu. Além disso, Lutzenberger utilizava uma estratégia muito interessante: se, no plano geral, ou macro, ele defendia posturas radicais, como a necessidade urgente de uma mudança na economia (o fim do crescimento econômico e do consumismo), no plano micro, do dia a dia, procurou realizar mudanças concretas – possíveis – dentro do sistema econômico. Chamava essas mudanças de “soluções ecológicas” ou “remendos”.

Nessa perspectiva micro, é que entram os trabalhos que, para ele, representavam a materialização dessa ética, que chamei de “ética do convívio ecossustentável”. (PEREIRA, 2016). Entre eles, o Parque Estadual da Guarita ganha destaque, por se tratar de monumento natural ímpar no Rio Grande do Sul e no Brasil. Lutzenberger gostava muito de se envolver em trabalhos de recuperação de ambientes degradados ou maltratados, por meio dos quais podia pôr em prática seus conhecimentos de agronomia, botânica e paisagismo.

O ambientalista relacionava esse tipo de atividade com a questão técnica. Para ele, eram trabalhos técnicos que seguiam o que chamou de “caminho suave”. (LUTZENBERGER, 1990). Tal caminho diria respeito àquele onde “tecnologias duras” – agressivas à natureza – fossem abandonadas, para dar lugar a “tecnologias brandas” – que convivessem de forma amigável com o ambiente. Era importante, para Lutzenberger, aprender a distinguir tecnologias *duras* de *suaves*. Ou seja, o ambientalista não propunha abandonar a ciência e a tecnologia (apesar das críticas feitas a elas em inúmeros textos e palestras), mas que se aplicasse “ciência com ética”. Da junção entre esses dois elementos – o compromisso moral – surgiriam novas formas de tecnologia, menos agressivas e mais sustentáveis.

Essa visão ética sobre a técnica a ser aplicada no Parque Estadual da Guarita pode ser percebida no relatório do levantamento paisagístico que produziu para o governo do estado gaúcho e na carta de intenções de realização do trabalho, quando houve a desistência de contratar Burl Marx. Veremos, a seguir, que o paisagismo no local representou para ele muito mais do que um trabalho remunerado – era algo de significado ético que ficaria materializado no entorno das belas torres de basalto.

A construção do parque

O Parque Estadual da Guarita (atual Parque Estadual José Lutzenberger) é uma das três Unidades de Conservação (UCs) presentes em Torres-RS.⁷ A ideia de um parque surgiu nos anos 1950. Por meio de decretos estaduais, o governo do Estado do Rio Grande do Sul tinha a intenção de “preservar uma área natural de extrema beleza”. (MATOS, 2006, p. 12). No entanto, foi somente na década de 1970 que ocorreram a desapropriação da área e a confecção de um projeto para criação do parque.

Atualmente, o parque conta com uma área de 141.709m² – equivalente a 28,2 hectares. A área não é somente bela, mas muito interessante do ponto de vista geológico, pois as *torres* são raros fragmentos do processo conhecido como deriva continental, iniciado há cerca de 190 milhões de anos (ROHDE, 1975), aspecto ressaltado por Lutzenberger, como veremos a seguir.

Em setembro de 1971, apenas alguns meses após a volta ao Brasil, tão cheio de esperanças, Lutzenberger avaliava os acontecimentos de forma cautelosa. Ele deixara um emprego muito bem-remunerado na BASF para a incerteza da militância ecológica em Porto Alegre. Inicialmente, fez sociedade com um amigo de infância para administrarem juntos uma fazenda, onde ele poderia comercializar gado e plantar soja. Ao mesmo tempo, aceitou trabalhos de tradução do alemão (língua em que era fluente), como relatou ao amigo León Croizat:⁸

Justamente para conseguir algum dinheiro, eu aceitei fazer uma tradução para o português de um grande estudo do Rio Caí, feito com ajuda externa alemã. Eles pagam bem, 800 páginas, 30.000 marcos alemães (40.000 Bs) em 9 meses. Mas isso é só para não usar meu capital, enquanto tento outras coisas. Eu estou também me preparando para plantar 200 hectares de soja neste ano. E estou negociando gado. Isso sempre deixa um bom lucro. (LUTZENBERGER, 21/07/1971, APJL).

Sem renda fixa, Lutzenberger se viu obrigado a aceitar trabalhos como traduções, paisagismo de jardins e parques, paralelamente ao comércio de gado, para prover o sustento da família sem usar todo o capital que acumulara como funcionário da BASF. Na carta de 25 set. 1972 a Croizat, afirmou que terminara a tradução, mas que as tarefas como presidente da Agapan ocupavam todo seu tempo, como a escrita de artigos e o preparo de muitas conferências e reuniões: “Eu agora estou dando uma média de duas palestras por semana”. Além disso, contratado pelo governo do estado, fora incumbido de “um trabalho muito interessante e compensador”, um levantamento paisagístico preparatório ao Parque Estadual da Guarita:

O governo pediu a Burtle Marx, o arquiteto paisagista que projetou o Parque Del Este, para projetar um grande parque turístico em Torres,

nossa melhor praia. Eu consegui convencê-los de que antes de deixar Marx fazer seus planos, lá deveria haver um exame biológico da área, então o parque poderia ser projetado com o máximo de respeito pelas comunidades bióticas locais. Eles me deram o contrato para esse trabalho. Com um grupo de botânicos, geólogos e zoólogos da universidade local eu fiz esse exame. Eles ficaram muito satisfeitos com o meu relatório e Marx projetou um parque usando somente elementos locais sem movimentação de terra, apenas umas poucas concessões de concreto. A maior parte da área será deixada absolutamente intacta e protegida a partir de agora. (LUTZENBERGER, 25/09/1972, APJL).

Havia ainda a perspectiva de trabalho em outros parques, por isso Lutzenberger estava muito animado, no âmbito profissional, pois as atividades eram afins com a preservação e conservação da natureza:

Estou me colocando muito bem na demanda para o tipo de trabalho que eu realmente gosto. As autoridades estão começando a ver a necessidade de conservar as plantas nativas e comunidades animais. Nós estamos também estudando um esquema completo para a criação de reservas naturais como um caminho para preservar ao menos uma porção viável de cada ecossistema. (LUTZENBERGER, 25/09/1972, APJL).

Além de realizar um trabalho “muito interessante e significativo”, ele estava contente com a independência de trabalhar sem chefe (essa era uma de suas queixas na BASF). Estava ganhando “o suficiente para uma vida decente e alguma poupança”, entretanto, todas essas atividades mantinham-no “tão ocupado que não há tempo para nada mais”. (LUTZENBERGER, 25/09/1972, APJL).

Numa nova carta a Croizat, em 11/11/1972, Lutzenberger voltou a falar sobre o planejamento do Parque Estadual da Guarita: fora muito difícil convencer as autoridades a preservar “o magnífico cenário de dunas. Eles teriam arrasado aquilo também. Muitas conversas e muitas fotos artísticas [foram necessárias] para fazê-los ver a beleza daquele tipo de paisagem”. Porém havia outra briga a ser travada, pelos pântanos da região: “ainda estou lutando. Eu posso não vencer. Mesmo se eu conseguir, será muito difícil para eles manterem sem venenos e inseticidas”. (LUTZENBERGER, 11/11/1972, APJL).

Outro aspecto local reforçava o pessimismo de Lutzenberger: “Quando o governo anunciou a expropriação da terra para o parque turístico de Torres e para outro parque em Camaquã, os proprietários imediatamente começaram a arrasar o que eles podiam”. Em sua visão, alguns deles “estavam genuinamente convencidos de que pegariam um melhor preço pela terra livre de seu ‘mato’”. Esse tipo de atitude demonstrava, para Lutzenberger, uma visão estreita sobre a natureza, a partir de uma ética antropocêntrica rasa e despertava, ainda mais, o seu lado catastrofista: “A catástrofe é inevitável. Pelo tempo, a reeducação que tem sido alcançada é muito tarde. Talvez a única esperança seja que o colapso inevitável da sociedade industrial acontecerá muito em breve. Quanto mais cedo, melhor a chance de alguma coisa sobreviver”. ((LUTZENBERGER, 11/11/1972, APJL).

Lutzenberger realizou o levantamento paisagístico do Parque Estadual da Guarita, entregando o relatório final em março de 1972, e Burle Marx seria o responsável pelo desenvolvimento e a execução do projeto final. Nas 13 páginas do levantamento, o ambientalista não fez uma simples listagem das espécies, mas teceu breves considerações sobre o estado dos ecossistemas do parque àquela época – em seus aspectos geológicos, edafológicos, botânicos e zoológicos –, as depredações que ocorriam há décadas e sugeriu medidas para a preservação da área.

O relatório demonstra o quanto apreciava o local: “Sob todos os aspectos, a região de Torres é das mais interessantes dos quase 500km da costa rio-grandense”. (LUTZENBERGER, mar./1972, p. 3, APJL). Do ponto de vista geológico,

essas formações são de grande interesse não somente para o técnico; elas têm também um grande valor educativo para o público em geral, pois são testemunho de um dos processos geológicos mais espetaculares e fascinantes da evolução geológica do planeta [a deriva dos continentes]. São raros os lugares no estado do Rio Grande do Sul em que esses processos são registrados, de maneira tão visível para o próprio leigo. (LUTZENBERGER, mar. 1972, p. 1, APJL).

Na parte botânica, considerada a mais importante para Lutzenberger, o “aspecto da vegetação não reflete o ‘clímax’ local, mas sim um ‘disclímax’ acentuado, fruto da incessante intervenção humana e do pastejo animal”. (LUTZENBERGER, mar. 1972, p. 9, APJL). É interessante constatar o uso

de conceitos importantes da ecologia em seu discurso: *clímax* e *disclímax*. Formulado por Frederic Clements em 1910,⁹ como fundamental na sucessão ecológica,¹⁰ o conceito de comunidade-clímax que envolve determinada área é o produto de aspectos complexamente entrelaçados, como temperatura, pluviosidade e vento.

Segundo Worster (2011b, p. 210), para Clements, o curso da natureza não é um perambular sem destino, mas um fluxo constante em direção à estabilidade, o qual pode ser exatamente traçado pelo cientista. O biólogo norte-americano fazia parte de uma das duas mais importantes correntes de pensamento dentro da ecologia: a iniciada pelo naturalista inglês Gilbert White, ainda no século XVIII, que acreditava que a natureza sempre tende ao equilíbrio em todos os seus processos. A outra corrente, também da mesma época, começa com o sistema taxonômico do naturalista sueco Carl Linnaeus, que partia da premissa de dominar a natureza para realizar o progresso humano. (WORSTER, 2011b).

Mas Lutzenberger, provavelmente, tomou conhecimento do conceito de *clímax* e de outros da corrente do equilíbrio pela leitura dos livros de Eugene Odum, também um importante biólogo norte-americano que conceituou “comunidade-clímax” como “a comunidade final ou estável numa série de desenvolvimento” (ODUM, 2004, p. 423) e *disclímax* como um clímax de distúrbio, causado geralmente “pelo homem e seus animais domésticos”. (ODUM, 2004, p. 427). No relatório sobre a guarita, um de seus primeiros escritos técnicos na trajetória pós-BASE, é possível entrever a filiação de Lutzenberger à corrente que acreditava no equilíbrio ecológico como o destino último da natureza. Para ele o “desequilíbrio” local – ou *disclímax* – era resultado da ação humana irresponsável, durante muito tempo.

No aspecto zoológico da guarita, Lutzenberger mencionou no levantamento a necessidade de proteção da fauna interdita (mexilhões, cracas e ouriços do mar) que vivia nos paredões das falésias e estava sendo bastante depredada pela população, por turistas e estudantes de Biologia. Ao final do relatório, ele sugeriu medidas para impedir que a retirada de espécies e o pisoteio continuassem, bem como para informar os turistas sobre aspectos interessantes do parque, sua história e necessidade de proteção, um trabalho educativo-ambiental.

Em visitas ao local (2012 e 2015), foi possível constatar que algumas das sugestões são aplicadas ainda hoje, como a proibição do uso da torre

da Guarita como arquibancada para assistir às manobras de surfistas (era hábito comum nos anos 1970), a construção de caminhos e escadinhas para subir no topo das torres, a fim de evitar desabamento e erosão, e a inclusão de tabuletas explicativas. Lutzenberger sugeriu também o fim do massacre dos lobos marinhos na ilha dos Lobos (havia turistas que iam ao recife em barcos, armados de fuzil ou pistolas, para se divertirem atirando nos lobos) e a proibição da retirada de areia das dunas que se encontram ao redor do parque.

Na época da confecção do projeto para o Parque Estadual da Guarita, em 1973, o governador do estado era Euclides Triches (Aliança Renovadora Nacional – Arena) e o Secretário de Turismo, Edson Chaves. Segundo Lutzenberger, em entrevista ao jornalista Ney Gastal (JORNAL RS, dez. 1986, p. 29, APJL), o projeto, provavelmente elaborado por funcionários de Burle Marx, ficou “totalmente artificial, baseado na orientação do Governo do Estado, que pretendia fazer ali um verdadeiro centro de convenções”. Além disso, estava previsto para a guarita “um gigantesco disco voador de concreto, com salas, auditórios, restaurantes, hotel, uma loucura que iria descaracterizar completamente a praia. Por sorte, faltou dinheiro, e tanto esse complexo quanto o projeto de Burle Marx, que era completamente artificial, foram abandonados”.

Com esses transtornos e muito interessado no trabalho, o ambientalista apresentou ao secretário uma “carta de intenções”, oferecendo-se para realizar o projeto paisagístico antes encomendado a Burle Marx, modificando-o para “respeitar a natureza do local”. Ele propôs “um diálogo com a natureza”, que foi aceito pelas autoridades estaduais; Lutzenberger foi incumbido da tarefa, estimamos, entre o final de agosto e início de setembro de 1973. Em 18 de agosto, ele afirmou em carta para o Almirante Belart,¹¹ que estava

lutando para obter um trabalho bastante grande – o ajardinamento do Parque Turístico da Guarita, em Torres. Afinal, a gente tem que ganhar a vida de uma maneira ou outra. Neste caso pretendemos fazer um jardim sem agressões ao ambiente natural, que se enquadre da melhor maneira possível dentro da ecologia local. (LUTZENBERGER, 18/08/1973, APJL).

Em carta ao amigo alemão Hans Thiemann (LUTZENBERGER, jul. 1973, APJL),¹² combinara uma visita a Marrakesh, onde esse mantinha um grande viveiro de cactáceas, vendendo espécimes que cultivava em seu exuberante jardim a colecionadores europeus.¹³

Eles haviam se conhecido durante o período em que o ambientalista trabalhara no Marrocos para a BASF e se tornaram bons amigos, pela cultura alemã e a paixão pelos cactos e xerófitas em comum. Lutzenberger iria em setembro de 1973 a Marrakesh para dar andamento a uma sociedade na venda de cactos, porém isso não ocorreu, pois ele começou a trabalhar na realização do Parque Estadual da Guarita.

Em dezembro do mesmo ano, o trabalho já ia a pleno vapor:

Meu tempo está ainda mais escasso do que antes, pois de cada semana passo 4 dias em Torres no trabalho de paisagismo do Parque da Guarita. Estou executando um projeto de Burle Marx com ampla liberdade de ajustar tudo aos elementos locais, de maneira a evitar toda terraplanagem e a aproveitar sempre que possível os elementos florísticos pré-existentes. Estamos fazendo um trabalho pioneiro. Meus trabalhadores (agora tenho uns 30) já aprenderam até a não matar nenhum animal, nem mesmo cobra. Já respeitam os ninhos de pássaros e me mostram onde estão as cobras sem tocá-las. Usamos só plantas da região com algumas poucas exceções, quando se trata de plantas exóticas que já fazem parte da paisagem cultural do lugar. (LUTZENBERGER, 20/12/1973, APJL).

Tivemos acesso a algumas fotos dos trabalhos de construção do parque, tiradas pelo próprio Lutzenberger. Nelas, é possível visualizar trabalhadores e o uso de animais no paisagismo. Isso estava de acordo com sua concepção de parque, com o mínimo de agressão ao local; não foi usado maquinário, como retroescavadeiras, mas carroças puxadas por cavalos, como podemos ver.

Imagem 1 – Construção do Estadual Parque da Guarita



Fonte: Década de 1970 – APJL.

Imagem 2 – Trabalhadores e animais na construção do parque



Fonte: Década de 1970 – APJL.

Imagem 3 – Elaboração do paisagismo no parque



Fonte: Década de 1970 – APJL.

Segundo Lutzenberger, os detalhes do parque surgiram de forma espontânea. Por exemplo, no lago, foi respeitada “a vegetação que existia e a beleza no local, que não pode ser prevista em projeto, mas apenas visualizada ao vivo”. Houve a mescla entre o que já havia e a interferência humana, na criação de um banhado, onde “logo surgiram dezenas de pássaros aquáticos, e hoje até jacaré já tem”. (JORNAL RS, dez. 1986, p. 29, APJL).

Para dar andamento ao projeto, Lutzenberger e a família passaram a deslocar-se com frequência para Torres, num velho Fusca verde. Desde o primeiro veraneio, compartilhavam uma casa com a família do também ambientalista e fundador da Agapan, Augusto Carneiro, na Rua Cruzeiro do Sul, próximo da residência do casal Zimmermann. (DREYER, 2004, p. 216). Carneiro era quem administrava as contas de Lutzenberger, tanto no que se referia ao aluguel da casa, como ao projeto do parque. Era ele quem realizava a contabilidade dos repasses do estado, pagava os funcionários, etc., e quem cuidava dos detalhes práticos, burocráticos – um verdadeiro secretário para que Lutzenberger pudesse liberar a criatividade no parque. Segue, uma foto do paisagista no local:

Imagem 4 – Lutzenberger no topo da Torre Sul e a praia de Itapeva ao fundo



Fonte: Jornal Opinião Jovem, 1977 – APJL.

Nos trabalhos de Lutz no parque, foi criado ainda um grande viveiro,

que se tornou famoso por sua belíssima coleção de plantas ornamentais nativas e exóticas, com infinidade de cactáceas, bromélias, orquídeas, entre outras espécies. Esse local era muito apreciado e visitado pelo público, constituindo-se numa das atrações especiais da área. (LUTZENBERGER, 2005, p. 3).

Imagem 5 – Lutzenberger no viveiro de mudas no Estadual Parque da Guarita



Fonte: S/data – APJL.

Lutzenberger trabalhou no parque até 1979. Deixou a empreitada quando Amaral de Souza assumiu o governo do estado: “Fiz críticas à sua administração, e ele imediatamente me mandou botar na rua do parque”. (JORNAL RS, dez. 1986, p. 29, APJL).

Mesmo anos após seu trabalho paisagístico, Lutzenberger ainda considerava o parque “uma joia” e demonstrava satisfação com o trabalho realizado, pois “dialogava com a natureza”, ou seja, partia de uma ética de integração com o que já existia no local, sem usar concreto e outros materiais pesados. De acordo com o que escrevera no artigo “Por uma ética ecológica”, seu paisagismo na guarita seguiu a orientação de enquadrar “harmonicamente a arquitetura na paisagem”, ou “a tecnologia ao ambiente”, ao contrário do que geralmente acontecia, e Lutz criticara no texto. O projeto realizou intervenções em alguns aspectos, como a construção de um lago e a reintrodução de plantas, mas Lutzenberger acreditava que essas interferências eram necessárias para contribuir com o desenvolvimento dos ecossistemas nativos, enfoque que representava, para ele, a materialização da ética ecológica.

Visitei esse lindo local em 2012 e 2015. Podemos perceber, na fotografia, obtida no período de veraneio, que o parque recebe grande fluxo de visitantes, o que também causa impactos em sua flora, fauna e estrutura geológica.

Imagem 6 – Vista de cima da Torre Sul. No centro, a Torre da Guarita, ao fundo, a Torre do Meio



Fonte: Acervo da autora – jan. 2015.

Imagem 7 – No primeiro plano, vegetação; ao centro, lago e estacionamento; ao fundo, cidade de Torres



Fonte: Acervo da autora – jan. 2015.

Em 2003, o então governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, sancionou uma lei (11.884) aprovada pela Assembleia Legislativa, a qual mudava a denominação do Parque Estadual da Guarita para Parque Estadual José Lutzenberger. A mudança foi proposta no Projeto de Lei 152, em 29/5/2002, pelo então deputado estadual Germano Bonow (PFL). Como justificativa, Bonow qualificou Lutzenberger como “símbolo da luta pela preservação ambiental, foi um dos maiores incentivadores da criação do Parque Estadual da Guarita, tendo colaborado na sua concepção e implantação”. (Apud GIUSTI, 2003, *online*). Segundo o deputado,

esta homenagem servirá não apenas para que o reconhecimento se torne perene com aquele que foi o seu maior representante na luta em defesa do meio ambiente, contribuindo igualmente para que o referido Parque também venha a se transformar em modelo, como sempre preconizou José Lutzenberger”. (Apud GIUSTI, 2003, *online*).

Com a mudança de nome, o local foi alçado a lugar de memória, no sentido de homenagear Lutzenberger e consolidar sua imagem como “símbolo da luta pela preservação ambiental”. Podemos perceber uma preocupação, vinda do Legislativo e do Executivo estaduais, no sentido de não deixar que o trabalho de Lutzenberger fosse esquecido – pelo menos naquele momento, logo após a morte do ambientalista, ocorrida em maio de 2002. Como formulou Nora (1993, p. 22), a razão fundamental dos lugares de memória é fazer “parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento”. No entanto, não são garantia disso. No caso de nosso estudo, por exemplo, a grande maioria das pessoas continua denominando o local pelo nome anterior: Parque Estadual da Guarita.

Considerações finais

Desde seu primeiro texto como ambientalista, a conferência e o artigo “Por uma ética ecológica”, a principal luta de Lutzenberger era a difusão de uma nova relação homem-natureza, expressa em uma ética que considerasse todos os seres vivos, superando o antropocentrismo – uma ética ecocêntrica. Nos textos e nas palestras dos anos 1970, ele se apresentava como um profeta do apocalipse, divulgando a crise ambiental e a urgente necessidade de revertê-la para a sobrevivência da humanidade.

A realização do Parque Estadual da Guarita era, para Lutzenberger, uma forma de materializar sua concepção ético-ecológica. No plano e na confecção do parque, levou em conta as interdependências entre os seres do local, procurando interferir o mínimo possível na natureza preexistente. Chamava essa perspectiva de “diálogo com a natureza”, em oposição a propostas que acabavam desfigurando os ecossistemas, denunciadas por ele como a atitude dominante em trabalhos de arquitetura e paisagismo.

No plano pessoal, é importante constatar que a realização do parque, para Lutzenberger, representava a oportunidade de aliar carreira profissional, luta ambiental e preservação da natureza. Ele deixara a BASF por um motivo ético: não conseguia mais conciliar o trabalho de executivo de uma multinacional que fabricava produtos tóxicos para a agricultura com os conhecimentos em ecologia, que adquirira nas muitas leituras ao longo dos anos 1960.

Dessa forma, trabalhos como o paisagismo na guarita possibilitariam uma virada profissional em sua trajetória, associando a necessidade financeira – “tinha que ganhar a vida de alguma forma”, afinal havia uma família para sustentar – à questão ética, por ele defendida em palestras, entrevistas e textos escritos. O trabalho como paisagista, entre outros exercidos por ele, permitia o vínculo entre teoria e prática e entre remuneração e luta ambiental, já que Lutzenberger teceu toda uma argumentação para convencer o governo do estado a patrocinar a criação do parque, ressaltando a necessidade de preservar a beleza do local.

Também convém destacar o uso de conceitos da ciência *ecologia* na concepção de Lutzenberger sobre o parque, desde o levantamento paisagístico que deveria subsidiar a construção do mesmo. Com base em tais conceitos (ecossistema, clímax e disclímax, sucessão ecológica), quando foi alçado a responsável pelo trabalho, levou em conta a interdependência entre os seres e o ambiente local. Na confecção do parque, colocou em prática os preceitos defendidos no texto, utilizando mão de obra humana e de animais (cavalos) e não maquinário pesado.

Com isso, acreditava estar realizando um “diálogo com a natureza” do parque e, ao mesmo tempo, contribuindo para sua preservação. Tanto empenho foi reconhecido, de certa forma, em 2003, quando seu nome foi atribuído ao local, meses após seu falecimento. O Parque Estadual da Guarita passou a ser um lugar de memória para homenagear seu

paisagista e defensor. No entanto, na luta para barrar o esquecimento, os lugares de memória nem sempre vencem; mesmo com a denominação oficial Parque Estadual José Lutzenberger, é por Parque Estadual da Guarita que os turistas o conhecem e o denominam. No fim das contas, as belas torres basálticas, resquícios da deriva continental, tão amadas e defendidas por Lutzenberger, impõem-se majestosas, nesse interessante jogo de memória.

Notas

¹ Faço uma ressalva: essa é a denominação anterior do parque, em vigor desde o decreto de criação, em 1957, até 2003, quando o nome mudou para Parque Estadual José Lutzenberger, em homenagem ao personagem-objeto deste artigo. Mantenho o uso de “Parque Estadual da Guarita”, pois era vigente no contexto abordado aqui, presente na documentação analisada. Além disso, é interessante constatar, que “Guarita” ainda é o nome mais popular do local, mesmo com a homenagem a seu paisagista Lutzenberger.

² As principais lutas de sua militância ambientalista (contra os agrotóxicos e a devastação da floresta Amazônica) projetaram Lutzenberger nacional e internacionalmente. Ele participou de documentários assistidos em países europeus e americanos e recebeu convite para ministrar palestras e conferências no Exterior – Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Suécia, Holanda, Quênia, Colômbia, Venezuela, Cuba, entre muitos outros. Por essa atuação recebeu prêmios importantes, como o “Livelihood Award” (considerado o Nobel Alternativo), em 1988, na Suécia, e o “Vida Sana”, na Espanha, em 1990. Foi alçado a secretário nacional do Meio

Ambiente, com *status* de ministro, no governo Collor, cargo que ocupou de 1990 a 1992, participando ativamente das reuniões preparatórias da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92.

³ Tratava-se de um grupo de professores universitários, funcionários públicos, profissionais liberais e ex-integrantes da União Protetora da Natureza (UPN), entidade criada e presidida por Henrique Luiz Roessler, em São Leopoldo, Região Metropolitana de Porto Alegre, entre 1955 e 1963. Influenciados pela atuação de Roessler e da leitura de suas crônicas no jornal *Correio do Povo*, essas pessoas haviam tomado consciência da devastação ambiental no estado. Para saber mais sobre Roessler e a UPN, ver Pereira (2013).

⁴ Essa concepção pode ser percebida na forma como encarava outros trabalhos seus como paisagista (Parque de Itapuã, em Viamão-RS; Parque da Empresa de Celulose Riocell, em Guaíba-RS, entre outros), na área da agricultura ecológica (assessoria a agricultores e a criação da Fundação Gaia, em Pantano Grande-RS, por exemplo), e com reciclagem e

transformação de resíduos industriais em adubo orgânico – objetivos da empresa Vida Produtos e Serviços em Desenvolvimento Ecológico, criada por ele em 1979.

⁵ Para uma discussão sobre a *deep ecology*, ver Junges (2010). Sobre os autores que influenciaram Lutzenberger, ver discussão realizada em minha tese. (PEREIRA, 2016).

⁶ As outras duas são a Reserva Ecológica Ilha dos Lobos e o Parque Estadual de Itapeva.

⁷ León Croizat (1894-1982) era um italiano, professor de Botânica na Universidad Central de Venezuela e pesquisador da área da biogeografia. Lutzenberger o conheceu no período em que morou naquele país. Tornaram-se amigos e trocaram correspondência durante anos (1966-1973).

⁸ Clements divulgou o conceito em seu livro *Plant Sucession: an analysis of the development of vegetation*, de 1916. (WORSTER, 2011b, p. 210).

⁹ Sucessão ecológica é o conjunto de alterações nos ecossistemas, resultante da ação de fatores ambientais sobre os organismos e da reação desses ao ambiente (USP, Sucessão Ecológica, *online*).

¹⁰ Para saber mais sobre o ambientalista e Almirante Belart, ver Pereira (2015).

¹¹ Carta em alemão, traduzida por Lilly Lutzenberger.

¹² A empresa Cactus Thiemann foi fundada por Hans Thiemann, em 1964. De acordo com seu *website*, foi a primeira plantação de cactos no Marrocos e na África. Atualmente, o trabalho é conduzido por sua segunda esposa, Fátima, em Marrakesh. Disponível em: <<http://www.cactusthiemann.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

Referências

- DREYER, Lilian. *Sinfonia inacabada: a vida de José Lutzenberger*. Porto Alegre: Vidicom Audiovisuais, 2004.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.
- GIUSTI, Benito. Rigotto aprova nome de Lutzenberger para o Parque Estadual da Guarita. Portal da Assembleia Legislativa-RS, publicado em 7 jan. 2003. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMaterial/35885/language/pt-BR/Default.aspx>>. Acesso em: 9 ago. 2016.
- JUNGES, José Roque. *(Bio) Ética ambiental*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2010.
- LUTZENBERGER, José. *Gaia: o planeta vivo*. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- MATOS, Renata Teixeira de. *Parque Estadual José Lutzenberger: história e atualidade: uma proposta de revitalização no município de Torres-RS*. 2006. TCC (Especialização em Gestão de Recursos Naturais) – Unesc, Criciúma, 2006.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- NASH, Roderick. *The rights of nature*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1989.
- ODUM, Eugene. *Fundamentos de ecologia*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- PEREIRA, Elenita Malta. *Roessler: o homem que amava a natureza*. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- PEREIRA, Elenita Malta. Cartas pela natureza: a correspondência entre José Lutzenberger e o almirante José Luiz Belart (1973-1979). *HALAC*, Guarapuava, v. IV, n. 2, p. 288-310, mar./ago. 2015b.
- PEREIRA, Elenita Malta. *A ética da convivência ecossustentável: uma biografia de José Lutzenberger*. 2016. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2016.
- ROHDE, Geraldo Mário. A origem geológica das formações de Torres-RS. *Boletim Geográfico RS*, Porto Alegre, n. 18, 1975.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Lei 11.884/2003. Denomina de “Parque Estadual José Lutzenberger” o atual Parque Estadual da Guarita, situado no Município de Torres, e dá outras providências. Porto Alegre, 2 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=326&HTexto=&Hid_IDNorma=326>. Acesso em: 9 ago. 2016.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.
- WORSTER, Donald. Living in nature: biography and environmental history. In: MYLLYNTAUS, Timo. *Thinking though the Environment*. Cambridge: The White Horse Press, 2011a.
- _____. *Nature's economy: A history of ecological ideas*. 2. ed. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2011b.

Referências documentais

CORREIO DO POVO, Suplemento Rural. Fundada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural. Porto Alegre, 25/6/1971 (APJL).

GASTAL, Ney. Entrevista. José Lutzenberger: já fui vendedor de agrotóxicos. *Jornal RS*, Porto Alegre, dez. 1986, p. 28 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Carta a Leon Croizat. Porto Alegre, 21 jul. 1971 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Carta a Leon Croizat. Porto Alegre, 25 set. 1972 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Carta a Leon Croizat. Porto Alegre, 11 nov. 1972 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Carta ao Almirante Belart. Porto Alegre, 18 ago. 1973 (APJL).

LUTZENBERGER, J. Carta ao Almirante Belart. Porto Alegre, 20 dez. 1973 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Carta a Hans Thiemann. Porto Alegre, 21 jul. 1973 (APJL).

LUTZENBERGER, José. Parque Turístico de Torres. Área da Guarita. *Levantamento expedido biológico e geológico*. Torres, mar. 1972, 13 p. (APJL).

LUTZENBERGER, José. Por uma ética ecológica. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29 ago. 1971 (APJL).

LUTZENBERGER, Lilly. *Relato sobre o Parque da Guarita*. Porto Alegre, 2005.